

Comunidades Indígenas, Quilombolas, Afro Brasileiras e a Territorialidade do Sagrado no Contestado

Nome do autor: Felipe Camilo de Melo

Orientador: Prof. Dr. Rogério Rosa Rodrigues

A pesquisa investiga a espacialização do sagrado, a permanência da memória e as transformações da religiosidade na região do Contestado, em Santa Catarina, a partir das grutas e olhos d'água — as “paradas” — associados ao Monge João Maria.

Em diálogo com a Geografia Histórica, Geografia da Religião e História do Tempo Presente, parte-se da compreensão de que a experiência mística do Contestado não se encerrou com a Guerra do Contestado (1912–1916). As “paradas” permanecem como territórios vivos de memória, devoção e pertencimento, continuamente ressignificados pelas comunidades contemporâneas.

A partir de Mircea Eliade, especialmente dos conceitos de hierofania, limiar, não-homogeneidade do espaço e Axis Mundi, compreende-se a gruta como espaço de ruptura entre o profano e o sagrado. A materialidade da devoção — santos, Orixás, cruzes, oferendas, amuletos e outros objetos — permite observar como diferentes temporalidades e matrizes religiosas se encontram e produzem novas formas de sacralização do território.

Propõe-se, para essa interpretação, a categoria “Terceira Margem da Fé”: espaços híbridos nos quais as fronteiras institucionais entre o catolicismo popular, a umbanda, o candomblé e as matrizes afro-indígenas tornam-se fluidas. Essa perspectiva também busca evidenciar a presença afro-brasileira, indígena e quilombola historicamente silenciada nas narrativas sobre o Contestado, considerando figuras como Frei Manoel/Pai Velho e comunidades como a Invernada dos Negros.

PERGUNTAS

DISPARADORAS

A investigação procura responder: **(1)** existe conexão espacial, simbólica e imagética entre as diferentes grutas associadas ao Monge João Maria? **(2)** de que maneira a “Terceira Margem da Fé” e o sincretismo imagético entre santos católicos e Orixás participam da preservação, atualização e produção de novas relações com a memória e o território sagrado do Contestado no Tempo Presente? **(3)** as grutas já constituíam territórios consagrados antes da emergência desse movimento devocional?

METODOLOGIA

A pesquisa possui abordagem qualitativa e interdisciplinar, articulando:

Revisão bibliográfica e documental, envolvendo a fenomenologia da religião, a historiografia do Contestado e a História do Tempo Presente;

Trabalho de campo e cartografia social, com georreferenciamento das grutas, fontes e “paradas”;

Inventário iconográfico e semiótico, registrando santos, Orixás, cruzes, oferendas, amuletos e demais objetos devocionais;

História oral, por meio de entrevistas com devotos, zeladores das grutas, lideranças religiosas e comunidades quilombolas;

Análise comparativa, buscando identificar recorrências, permanências e fluxos de circulação simbólica entre as diferentes “paradas”.



Imagens religiosas, Gruta de Porto União-SC

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa aponta para a compreensão das “paradas” como territórios sagrados dinâmicos, nos quais o passado não permanece estático, mas é constantemente atualizado por práticas e experiências do presente.

A recorrência de imagens e objetos entre diferentes grutas pode revelar uma rede sincrética de devoção, na qual cada “parada” atua como um *Centro do Mundo* ou *imago mundi*, articulando diferentes lugares, sujeitos e memórias.

A presença simultânea de santos católicos — como São Jorge e Nossa Senhora — e Orixás — como Ògún, Yemojá e Èṣù — evidencia processos de circulação, apropriação e ressignificação religiosa. Esses elementos permitem questionar uma interpretação exclusivamente católica da religiosidade contestadense e ampliar a compreensão de suas dimensões afro-brasileiras, indígenas e quilombolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As “paradas” do Monge João Maria constituem lugares de memória e territórios de produção do sagrado, nos quais diferentes matrizes culturais e religiosas se encontram, permanecem e se transformam.

A “Terceira Margem da Fé” permite compreender o Contestado como um mosaico religioso híbrido, no qual o sincretismo não representa apenas uma herança folclórica do passado, mas um fenômeno espacial, temporal e memorial, continuamente produzido pelos sujeitos do presente.